

DO CARISMA À PRÉ-INSTITUIÇÃO: UMA ANÁLISE DO MOVIMENTO PROFÉTICO EM VIAS DE ESTABILIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DA COMUNIDADE LUCANA

Jofre Macnelli Aragão Costa
<http://lattes.cnpq.br/3382548718778627>

Resumo

A proposta deste artigo é evidenciar uma estrutura possível entre duas condições que aparentemente são difíceis de conviver. Mas no agir do Espírito, conforme Lucas, elas são possíveis. A isso nos referimos ao movimento carismático-profético e a institucionalização no contexto da comunidade lucana. Baseado na reflexão que faz de seu momento histórico com a demora da parusia e a importância que dar a tradição dos doze, respectivamente, da herança profética deixada por Jesus de Nazaré, ela se propõe a reaver-se como continuidade estabelecida. Partindo de uma análise bíblica, histórica e sociológica evidencia-se que as obras de Lucas propõem uma concepção de pré-instituição, que surgem na figura dos cargos e lideranças comunitárias, e estas respondem as necessidade das comunidades carismáticas locais, promovendo a unidade destas ante as heresias e a manutenção do cristianismo nascente.

Palavras-chave: Movimento carismático-profético; instituição; comunidade lucana; continuidade; liderança comunitária.

Abstract

The proposal of this article is to evidence a possible structure enters two conditions that apparently are difficult to coexist. But in acting of the Spirit, as Lucas, them is possible. To this in we relate to the charismatic-predictive movement and the institutionalization to them in the context of the lucana community. Based in the reflection that make of its historical moment with the delay of the parusia and the importance that of the a tradition of the twelve e, respectively, of the predictive inheritance left by Jesus de Nazareth, it if considers to recover as established continuity. Leaving of a Biblical, historical and sociological analysis it is proven that the workmanships of Lucas consider a conception of daily pay-institution, that appear in the figure of the positions and communitarian leaderships, and these answer the necessity of the local charismatic communities, promoting the unit of these before the heresies and the maintenance of the rising Christianity.

Keywords: Charismatic-predictive movement; institution; lucana community; continuity; communitarian leadership.

INTRODUÇÃO

O propósito deste artigo é desenvolver uma análise histórica, bíblica e sociológica das obras do evangelista Lucas. Arguido da hipótese de haver algo que seja um meio termo entre o movimento carismático-profético e a estabilização de uma instituição. Antes se procura desenvolver as diferenças pertinentes entre elas com o auxílio dos estudos sociológicos. Considerando o mundo social que é precursor das obras de Lucas, o movimento oriundo de Jesus comunica as comunidades uma herança profética. Essa percepção é um instrumento tido como essencial para poder entender o que se passa no imaginário da comunidade lucana. O que significa a figura histórica de Jesus de Nazaré para a protocomunidade¹. Baseado nesta premissa o terceiro Evangelho e os Atos dos Apóstolos trarão esse entendimento bíblico. O artigo, então, constrói aí o contexto histórico. Levando em consideração a situação histórica de cada obra e suas referidas questões para a discussão. Um ideal de continuidade é colocado por Lucas em suas obras. A vida de Jesus propôs uma nova perspectiva de ser comunidade. É nesse momento que a demora da parusia e a importância da tradição dos doze são essenciais para que a comunidade lucana reflita em como ser igreja na história. Não abandonando as expectativas escatológicas. Lucas propõe um senso de estabilização mediante os cargos e ministérios comunitários. O artigo é relevante por apresentar uma nova perspectiva do aparente paradoxo que é o carisma ante a instituição. Apesar de antagônicas, são necessárias para a manutenção do cristianismo primitivo. No entanto, é importante a possibilidade de ver que comunidades primitivas desenvolveram uma pré-instituição que não fosse tão engessada como vemos hoje.

1. DO MOVIMENTO CARISMÁTICO-PROFÉTICO À INSTITUIÇÃO

1.1. O Movimento carismático-profético

Quando se procura a definição de *movimento*, logo nos vem à lembrança o seu contraponto, ou seja, nos remete a instituição. O que compreendemos por *movimento* é a ação de um grupo, com uma estrutura organizacional que se desenvolve na prática, não concordando com o modelo vigente (de Estado, de sociedade, de religião) e a partir de uma concepção ideológica mais ou menos definida, busca a sua transformação. Assim sendo, podemos encaixar nesta definição os “movimentos populares”, que são formados por grupos de um determinado local ou de um determinado segmento social, sem

¹ “Nesta situação, o que Lucas pretende não é fundamentar a fé mediante argumentos históricos. Pois fé é aceitação da promessa de Deus, é decisão, não simplesmente conhecimento histórico. Resulta de proclamação, não de mera informação. Lucas bem o sabe. Confronta as pessoas com a necessidade de se posicionarem frente à pessoa de Jesus, como o mostra o caso dos dois malfetores na cruz, por exemplo, (Lc 23.39ss)”. (Cf. BRAKEMEIER)

grandes estruturas e organização, e que buscam alcançar alguns objetivos específicos, qual seja: uma escola, um centro de saúde, o asfaltamento de um bairro, etc. Como também podemos abrigar algo como o “movimento de Jesus”, como sendo aquele conjunto de homens e mulheres que, embasados nas palavras e prática de Jesus de Nazaré, intentaram anunciar uma forma diferente de viver o judaísmo, e, depois, de viver na sociedade romana. Neste aspecto, Max Weber desenvolve um estudo sociológico pioneiro na perspectiva do profeta-carismático. Não somente conceituou como também aplicou diretamente ao fenômeno religioso (BONNEAU, 2003: 9). O conceito carisma foi o primeiro conceito-chave da concepção weberiana, é o que transcende a rotina cotidiana da ordem estabelecida. “Em si, o carisma se define precisamente por aquilo que se ergue contra a maneira normal de viver”. Weber define (1999: 323) o profeta como o indivíduo carismático que se insurge contra a estrutura estabelecida, que provoca na sociedade a sua volta um sentimento de mudança.

[...] carismáticos - e isto em grau crescente nos tempos mais remotos. Isto significa: os *líderes* “naturais”, em situações de *dificuldades* psíquicas, físicas, econômicas, éticas, religiosas e políticas, não eram pessoas que ocupavam um cargo público, nem que exerciam determinada “profissão” especializada e remunerada, no sentido atual da palavra, mas portadores de dons físicos e espirituais específicos, *considerados* sobrenaturais (no sentido de não serem acessíveis a todo mundo).

Movidos pelo Espírito, profetas e seus seguidores julgam que estão prestes a participarem de uma transformação divina de um mundo errado, para uma sociedade justa, desejada e governada por Deus (HORSLEY; HANSON, 1995). Profecia e instituição se opõem radicalmente. Como o próprio Weber afirma (1999: 324):

A estrutura carismática não conhece nenhuma forma e nenhum procedimento ordenado de nomeação ou demissão, nem de “carreira” ou “promoção”; não conhece nenhum “salário”, nenhuma instrução especializada regulamentada do portador do carisma ou de seus ajudantes e nenhuma instância controladora ou à qual se possa apelar; não lhe estão atribuídos determinados distritos ou competências objetivas exclusivas e, por fim, não há nenhuma instituição permanente e independente das pessoas e da existência de seu carisma pessoal, à maneira das “autoridades” burocráticas.

O profeta é um “portador de carismas”. Logo, sua missão está ligada estritamente à sua vocação, “o reconhecimento do carismaticamente qualificado é o dever daqueles aos quais se dirige sua missão” (WEBER, 1999: 324). À medida que obtém sucesso, em seus intentos, o profeta conquista adeptos, discípulos e auxiliares que se agrupam numa comunidade permanente.

O carisma pode ser, e naturalmente é, em regra, qualitativamente singular, e por isso determina-se por fatores internos e não por ordens externas o limite qualitativo da missão e do poder de seu portador. Segundo seu sentido e conteúdo, a missão pode dirigir-se, e em regra o faz, a um grupo de pessoas determinado por fatores locais, étnicos, sociais, políticos, profissionais ou de outro tipo qualquer: neste caso, encontra seus limites no círculo destas pessoas. (WEBER, 1999: 324).

Esta forma de apresentar o movimento, numa perspectiva sociológica, leva-se a um processo similar, em se tratando de religião. Estamos aqui falando do processo carismático-profético, em que, de dentro da religião estruturada e estabelecida em instituição, surge uma voz que critica e denuncia a forma religiosa estabelecida, voz esta que forma em torno de si um grupo de discípulos que buscam aprender do profeta e passar à frente sua mensagem. O movimento carismático-profético num olhar weberiano está centrado na figura do profeta que indica a forma de comportamento ao coletivo com vista a modificar ou transformar de modo mais ou menos radical a ordem social existente, com base em sua ideologia e com o emprego de certa organização. O poder do carismático-profético fundamenta-se na fé em revelações e heróis, na convicção emocional da importância e do valor de uma manifestação de natureza religiosa, ética, artística, científica, política ou de outra qualquer, no heroísmo da ascese, do dom mágico ou de outro tipo. Essa fé provoca uma revolução nos homens de dentro para fora e procura transformar as coisas e as ordens segundo seu querer revolucionário.

1.2. A Instituição

Por seu lado, a instituição se define como uma estrutura já montada, embasada em um arcabouço legal, organizada burocraticamente, com sua hierarquização de valores e funções. O entusiasmo criado pelo carisma tende a perder sua intrepidez pela rotina, como qualquer grupo social que deve sua origem a um movimento carismático que se opõem a uma estrutura estabelecida. Essa relação antagonicamente paradoxal entre o carisma e a instituição reflete um caráter necessário de todo movimento social, visto que acaba inevitavelmente “definindo normas e organizando-se de maneira estável, isto é, institucionalizando-se, para não naufragar na desordem ou para consolidar sua existência” (BONNEAU, 2003: 10).

Enquanto o movimento caminha de forma mais ou menos livre, estando sujeito a mudanças de rumo ao longo da caminhada, a instituição se cristaliza e só pode caminhar no rumo definido pela sua estrutura burocrática ou por aquela que ela mesma constitui para sua existência. O conceito de instituição encontra amparo nos estudos sociológicos de Weber, é o que ele chamaria de rotinização do carisma. Esse fenômeno é normal, pois ele inicia-se pela cristalização de ações habituais que passam a se repetirem, que prosseguem agora por ações repetidas, ou segundo normas estabelecidas (BONNEAU,

2003:11). Segundo Weber “o institucional prolonga o carismático, que ao sobreviver se institucionaliza. Por isso, a instituição é a condição sine qua non para salvar o carisma” (ESTRADA, 2005: 295). A afirmação de Weber é um tanto pretensiosa, a instituição possui uma patologia própria, que é amplamente estudada pela sociologia e ciências humanas, e deve servir para refletir sobre este assunto paradoxal. Toda instituição caminha para uma “rotinização do carisma, isto é, a substituir a experiência carismática por uma série de princípios e normas facilmente controláveis e manejáveis” (ESTRADA, 2005: 296). O processo de institucionalização é absolutamente necessário para que o movimento permaneça visível e não se esfaça em miríades de outros movimentos que se dizem seus descendentes ou mesmo que reivindique cada um, o caráter de verdadeiro. Em outras palavras, sem se estruturar institucionalmente, o movimento tenderá a perder energia ou mesmo perder o rumo inicial. A tensão sempre existirá entre estes dois conceitos, tanto o movimento carismático-profético e a institucionalização ajudam-nos a compreender esta tensão dentro do contexto neotestamentário.

Em um pólo está a maneira como o cristianismo veio ao mundo – movimento profético carismático que já, desde o começo, vive na era do cumprimento das profecias messiânicas, entregue à expectativa da sua plena realização escatológica próxima. [...] No outro pólo está como o tempo, apesar de tudo, seguiu seu curso e acabou deixando apenas uma alternativa ao novo movimento, para evitar seu desaparecimento: a organização de comunidades estabelecidas e estáveis, fato que deixou, de maneira regular, sua marca nos escritos do Novo Testamento. (BONNEAU, 2003: 12)

O cristianismo à medida que se desenvolveu precisou definir e regulamentar suas atividades e funções a fim de cultivar uma liderança tenaz e empregar uma autoridade estável.

1.3. A herança profética deixada por Jesus

O cristianismo nasce a partir da figura de um judeu praticante, habitante da Galileia, denominado Jesus de Nazaré. Da mesma forma como outros antes dele, Jesus tem um relacionamento conflitante com a forma dominante de viver do judaísmo de seu tempo. Jesus foi um profeta, um religioso que viveu à margem do judaísmo tradicional, guiado por uma nova experiência de Deus, seu Pai. A mensagem de Jesus, ao contrário da mensagem escatológica de João Batista, anuncia a presença imediata e inicial do reino de Deus (HOFFMANN, 1998). Jesus se apresenta como alguém que reage contra a ordem religiosa estabelecida. Ele visava construir uma sociedade em que a dominação de uns homens sobre os outros fosse substituída pelo serviço mútuo incondicional, em que as relações humanas fossem caracterizadas, não pela competição, mas pela reciprocidade viva (HOFFMANN, 1998). Jesus de Nazaré é inevitavelmente influenciado pelo Judaísmo

carismático (VERMES, 2006: 226-228), os evangelistas apresentam bastante evidência de que o povo simpatizante da Galileia via Jesus como um profeta, e isso não era devido à sua habilidade de ensinar ou de predizer o futuro, mas segundo a definição popular “o profeta Jesus, de Nazaré da Galileia” (Mt 21,11), era reconhecido como aquele que obra milagres e prodígios (VERMES, 2006). É “um profeta poderoso em obra e em palavra, diante de Deus e de todo o povo”, dirão os discípulos de Emaús (Lc 24,19). Formou em torno de si um grupo de discípulos e prega outra forma de entender Deus, a forma de com ele se relacionar, bem como a forma de se relacionar com as demais pessoas.

Tendo acompanhado Jesus durante o seu ministério público, os discípulos, após a sua morte, fundaram uma comunidade que, animada pelo mesmo Espírito, prosseguiu no caminho profético (BONNEAU, 2003: 13).

Neste sentido, Jesus de Nazaré caracteriza-se perfeitamente como a voz carismático-profética. Após sua morte e ressurreição, conforme o relato dos Evangelhos, seus discípulos trilham as pegadas do crucificado formam um grupo que questiona nas discussões internas do judaísmo, apresentando Jesus como aquele que todo o povo judeu esperava, e, portanto, a concretização da busca judaica. Nasce a Igreja num contexto de “contestação ao sistema religioso judaico, de expectativa do fim do mundo, de efervescência e de manifestações carismáticas, de acolhida, de liberdade e de destruição das barreiras sociais.” (BONNEAU, 2003: 13). Este grupo de discípulos e sua prática formam o que podemos denominar de “o movimento de Jesus”.

2. PROPOSTA HERMENÊUTICA PARA O ESTUDO DO NOVO TESTAMENTO

A fim de estabelecer o conhecimento da comunidade cristã lucana e definir o profetismo cristão antigo, é necessário considerar cronologicamente os textos do Novo Testamento que, evocam de certa forma, o que concerne ao profetismo. É preciso evocar os profetas carismáticos itinerantes, as reutilizações das palavras de Jesus por estes profetas, a profecia cristã como um dom do Espírito e os seus portadores, a mensagem enfática, o comportamento ímpar e as manifestações proféticas (BONNEAU, 2003).

Segundo Horsley e Hanson (1995) é necessário compreender a influência manifesta ou tácita dos profetas antigos e dos apocalípticos² nos textos, ou seja, a compreensão do profetismo de Jesus. A fim de compreender melhor a relação conflituosa entre o carisma profético e a institucionalização. Para esse intento trataremos das origens do profetismo conforme a obra de Bonneau, ele é o único autor que trabalha o fenômeno por divisões cronológicas (2003: 19). No entanto o período do nosso interesse é aquele compreendido por Bonneau como segundo período, aproximadamente do ano

² A literatura apocalíptica do período intertestamentário está estreitamente ligada com a profecia tradicional. (Cf. HORSLEY; HANSON, 1995: 138)

65 ao ano 85, que se estende: a redação do Evangelho de Marcos, a redação da obra lucana (o Evangelho e os Atos dos Apóstolos) e a redação do Evangelho de Mateus. Onde a obra lucana será o motivo de nossa avaliação. É um período crucial, devido o processo institucional que atinge seu regime pleno. Ocorrem acontecimentos marcantes que repercutirão no cristianismo posterior (BONNEAU, 2003: 20-21). O objetivo com esta análise é mostrar que, diferente como pensa Bonneau, a comunidade lucana passa por um processo que denomino como pré-institucionalização. Como afirma Roloff (2005: 212) Lucas “quer mostrar que a Igreja, assim como se desenvolveu pelo testemunho dos mensageiros de Jesus, encontra-se na continuidade em relação à história de Jesus, determinada pelo agir de Deus”. É a partir, então, desta premissa que se compreende o processo de institucionalização, que é motivado pelo atraso da parusia, mas também acrescenta Sobrino (ESTRADA, 2005: 293) “a fé em Cristo vive-se comunitariamente, o que exigirá algum tipo de estrutura para expressar esse comunitarismo”.

Segundo Roloff (2005: 213) a perspectiva lucana apresenta a igreja situada na história, comunitariamente, “ele vê a igreja como situada numa relação direta com o mundo e a história”. Logo, esse viver na história é um viver no Espírito para Lucas (ROLOFF, 2005: 212-247)³:

(...) é fidelidade criativa. É liberdade. Espírito é carisma: dom que leva ao compromisso, a enfrentar o novo que aparece [...] bem longe da lei, fixista e rotineira; conservadora e preocupada em manter a *ordem* doutrinária, litúrgica, tradicional, institucional [...] (ROBERTI, 1995: 53).

O olhar carismático-profético da obra de Lucas

2.1.1. O terceiro Evangelho

O evangelho de Lucas apresenta algumas peculiaridades que o distinguem dos outros sinópticos. Esse evangelho começa com um prólogo, que fala sobre o material que o autor tinha à disposição para escrever o seu evangelho, como também sobre o objetivo e métodos do autor.

Chama a atenção nesse evangelho a atenção especial que Jesus dá aos pecadores, aos marginalizados pela sociedade, às mulheres e aos pobres. O início do livro de Atos dos Apóstolos evidencia que este livro e o evangelho de Lucas formam uma unidade.

O seu evangelho está muito menos marcado do que os outros três evangelhos canônicos pela intenção de tornar os relatos sobre a atuação e o destino de Jesus de Nazaré acessíveis a uma compreensão do querigma relacionada à situação presente da comunidade crente, embora não seja possível negar totalmente a presença dessa intenção. Ao invés, ele entrelaça esses relatos de

³ A obra lucana propõe um novo olhar eclesiológico pela comunidade, onde o povo de Deus caminha através da história.

tal maneira que surge a imagem de um complexo coerente de eventos situados no passado (*história*)⁴. Porém – e isto é decisivo – esse complexo de eventos não está concluído para ele (ROLOFF, 2005: 212).

O autor tomou a humanidade de Jesus, o seu ministério, sofrimento, morte e ressurreição, como também a propagação do evangelho de Jerusalém até Roma, e fez de tudo o tema de um relato geral. O evangelho é a primeira parte desse relato geral. Lucas tem a preocupação da importância da veracidade histórica. Pode se dizer que realmente os fatos⁵ que aconteceram são reais (HORSTER, 1996:35-36). Apesar de não ser testemunha ocular de Jesus, precisou se basear nos relatos dos apóstolos para poder falar sobre os fatos da vida de Jesus. (HÖRSTER, 1996). Lucas diz expressamente que ele vasculhou todos os relatos e testemunhos cuidadosamente. Provavelmente, ele foi se informar com as pessoas que tinham as informações. Possivelmente também, encontrou ainda outras fontes escritas. O resultado de seu trabalho está no evangelho. Com certeza ele quer dirigir-se ao público cristão, porém quer dar a entender a cristandade que “a mensagem da salvação dirige-se fundamentalmente ao público do mundo e que a história por ela posta em movimento é um fator que esse público terá de levar em conta” (ROLOFF, 2005: 213).

2.1.2. Jesus como profeta carismático

Lucas pinta histórias que não são vistas em outros evangelhos, como as histórias sobre a infância de Jesus, a pesca maravilhosa e o chamado de Pedro, as parábolas tão marcantes da ovelha perdida, da moeda perdida e do filho pródigo, do agricultor rico, do administrador infiel, do rico e de Lázaro, do fariseu e do publicano e muito mais. Causa impacto especial a sua história do sofrimento, como mostram as palavras de Jesus na cruz que só Lucas registra. Não saberíamos muitas coisas sobre Jesus, se Lucas não tivesse se esmerado nesse tipo de pesquisa. O terceiro evangelho comporta uma dimensão profética de Jesus, Ele se situa claramente na classe dos profetas. O interesse pessoal de Lucas em apresentar Jesus como um profeta é percebido facilmente na menção que faz dos trechos de Marcos sobre o assunto (Lc 4,16-24; Mc 6,1-6; Lc 9,8; Mc 6,15; Lc 9,19; Mc 8,28)⁶. Segundo os estudiosos o Espírito está em ação desde a

⁴ Acréscimo nosso.

⁵ “A palavra ‘histórias’ pode significar fatos que de fato ocorreram, como também contos inventados. Quando falamos de histórias do jornal, dificilmente estamos pensando nas notícias sobre os fatos das primeiras páginas, mas antes nos contos que pertencem ao âmbito da conversação. O valor das afirmações dessas histórias não depende de os fatos terem acontecido ou não. Quando, por exemplo, Lutero usa na sua tradução o termo ‘Geschichten’ (histórias), isso leva a um mal-entendido; soa como se o conteúdo desse evangelho fosse de contos, cuja confiabilidade histórica não seria tão importante. É evidente que isso não é o caso, pois Lucas usa um termo grego aqui que pode ser melhor traduzido por ‘fatos’, ou ‘acontecimentos’. Paralelo a isto está o esforço do evangelista de verificar tudo cuidadosamente”.

⁶ O conteúdo de Marcos é seguido em Lucas até a “grande lacuna” (Mc 6,45-8,26). A complementação desse material está nas histórias sobre a infância de Jesus, na “pequena

concepção de Jesus, afirmam que ali se inaugura o ministério profético, mas com certeza no seu batismo ele é manifesto em plenitude, “ele que é a origem da comunidade (carismático-profética) inicia seu ‘caminho para Jerusalém’ a partir do seu Batismo, onde o Espírito manifesta sua vocação (Lc 3,21s) e entrega sua missão (Lc 4,14-21)” (ROBERTI, 1995, p. 49). De acordo com o texto de Lc 4,22, o escritor menciona que “palavras cheias de graça”⁷ saíam da boca de Jesus. Essa expressão remete ao Espírito profético que repousa sobre personagens inspirados, para testemunhos (cf. Lc 12,12; 21,15; 24,40-52; 11,49). É comum também Lucas evidenciar Jesus se identificando com os profetas antigos, há quem defenda que o texto lucano se inspira nos Escritos do Antigo Testamento (HORSTER, 1996:35)⁸ para justificar o procedimento de Jesus. Segundo Mainville (BONNEAU, 2003: 122) Lucas apresenta Jesus como profeta na mesma condição de Moisés e Elias, julgando que estes “diferentes pontos de vista sobre o profetismo de Jesus se entrecruzam para colocar em evidência uma mesma e única realidade: desde seu batismo, Jesus recebe o Espírito para realizar uma missão profética terrena”. Encontra-se facilmente, no terceiro evangelho, o próprio testemunho de Jesus, como nós vemos em sua pregação, na sinagoga de Nazaré (Lc 4,16-24; Mc 6,1-6), contém uma citação de acréscimo (Is 61,1-2) que não consta em Marcos. Com essa finalidade, Lucas deseja acentuar o caráter profético do ministério do Nazareno. Ainda nesta perícopes Lucas, utilizando-se de Marcos diz que Jesus falou: “em verdade vos digo que nenhum profeta é bem recebido em sua pátria” (Lc 4,24). Mas ele vai além novamente e prolonga o discurso de Jesus referindo-se a Elias, a viúva de Sarepta, bem como a Eliseu e a Naamã, o sírio leproso (Lc 4,30). Já em Lc 13,33-34, Jesus não espera melhores condições que os profetas antigos, ao que parece, para que seu caráter profético alcance um clímax, ele deveria morrer. Outros textos evidenciam as reações populares, como vemos em Lc 7,16, “todos ficaram com muito medo e glorificavam a Deus: ‘Um **grande profeta**⁹ surgiu entre nós e Deus visitou o seu povo’”. O texto mencionado é referente à ressurreição do filho da viúva de Naim, o texto é construído e associado (BONNEAU, 2003: 124-125) a Jesus e a Elias conforme 1Rs 17,10-24.

Lc 7,11-17	1Rs 17,10-24
------------	--------------

intercalação”, na “grande intercalação” e nas histórias da ressurreição, como propõe HÖRSTER (1996).

⁷ No grego (transliterado): *lógois tês cháritos*. (Cf. NOVO TESTAMENTO trilingue: grego, português e inglês). Conforme GINGRICH, F. W; DANKER, F. W. (2004: 222), *cháritos* corresponde a graciosidade, atratividade, ou seja, as palavras de Jesus eram tremendamente graciosas e de chamar a atenção dos seus ouvintes.

⁸ Já o autor Roberti (1995: 48) afirma que o Antigo Testamento aparece continuamente através do gênero literário de Midrash, da mesma forma afirma Vermes (2006:150): “os comentários serviram, em parte, para esclarecer o significado e, em parte, para desenvolver a mensagem registrada na Escritura”.

⁹ Negrito nosso.

v. 11 Jesus se dirige a Naim; v. 12 ali, encontra a viúva à porta da cidade; seu filho único é levado para ser enterrado. v. 14 Jesus ressuscita o filho; v. 15 Jesus o entrega a sua mãe.	v. 10 Elias vai a Sarepta; ali encontra a viúva à porta da cidade. v. 17 Seu filho único está morto. vv. 19-22 Elias faz o menino reviver. v. 23 Elias o entrega a sua mãe
---	---

O próprio rei Herodes, o tetrarca, fica admirado com a fama de Jesus. Os rumores a respeito da pessoa de Jesus dizem que João (O Batista) havia ressuscitado, ou haveria surgido um profeta de outrora; outros ainda afirmavam que Elias havia reaparecido (Lc 9,7-8). Até mesmo os discípulos relatam a Jesus como o povo se referia a ele (Lc 9,19). E por fim, o último capítulo do terceiro evangelho anuncia a aparição do ressurreto aos discípulos no caminho de Emaús. Segundo o texto, Jesus os interroga a respeito da discussão deles: "Responderam: 'O que aconteceu a Jesus, o Nazareno, que foi um profeta poderoso em obra e em palavra, diante de Deus e diante de todo o povo'". (Lc 24,19). Concluímos que para os espectadores que viram Jesus atuando em seu ministério, reconheciam nele a figura de um profeta. Lucas mais do que os demais evangelistas prioriza essa perspectiva. Fica claro, no terceiro evangelho, que Lucas busca a continuidade do elemento carismático-profético de Jesus na sua comunidade. Lucas busca, então, evidenciar que a sucessão profética atingiu a Igreja, fazendo dela uma comunidade profética continuadora da obra de Jesus. Somente através da morte e tornando-se Senhor e Messias na ressurreição (At 2,36), Jesus "recebeu do Pai o Espírito Santo prometido e o derramou, e é isto o que vedes e ouvis" (At 2,33). Nessa perspectiva, entendemos que o ministério profético de Jesus serve de "ponta-pé" inicial para a obra profética da Igreja.

2.2. Os Atos dos Apóstolos

Assim como o Espírito Santo aparece como força dinamizadora e orientadora na prática de Jesus, na primeira obra lucana, em Atos dos Apóstolos a presença consoladora do Espírito Santo na prática e no testemunho dos seus discípulos (DALBOM, 1995: 56). A narrativa de Atos enaltece a imagem de um cristianismo essencialmente profético-carismático, fundado e dirigido pelo Espírito Santo. Para Lucas, o envio do Espírito Santo é a premissa necessária para o surgimento da Igreja e da realidade escatológica que determina sua existência. Atos trata da "relação do Espírito com Jesus, do seu efeito no cristão individual, bem como da sua função para o todo da Igreja." (ROLOFF, 2005: 231).

Atos pode ser compreendido como o "Evangelho do Espírito Santo segundo Pedro, Paulo e as comunidades de origem" (DALBON, 1995: 55). O vocábulo *pneuma* (espírito)

é repetido cerca de setenta vezes neste livro, o que representa um quinto das utilizações do termo no Novo Testamento (BONNEAU, 2003: 125). Lucas ressalta que Jesus é um portador do Espírito. Toda sua atuação é um agir no Espírito (Lc 4,1; At 10,38). Ele possui o Espírito e dispõe dele. Somente na sua despedida ele abre aos discípulos a perspectiva de receber o Espírito, assim inicia-se a narrativa, com uma promessa do ressuscitado a seus apóstolos (Lc 24,49; At 1,8)¹⁰. Anteriormente, em At 1,4 ordena que esperem em Jerusalém a realização da “promessa do Pai”, isto é o batismo no Espírito Santo (At 1,5). No relato do Pentecostes, Lucas evidencia a promessa cumprida por Jesus, que recebe de Deus o Espírito, para derramá-lo sobre a comunidade de discípulos (At 2,33), logo apresenta o Espírito que invade os fiéis, tornando-os profetas.

Todavia, não permitem ser desprezados os interesses historiográficos de Lucas. Escreve ele não só a história de Jesus escreve também a da expansão da primeira cristandade. Lucas tem clara noção do tempo que o separa dos inícios. A história da primeira cristandade se lhe constitui em ponte que liga o seu tempo ao de Jesus (BRAKEMEIER, 1984).

Roloff (2005: 232) afirma que a presença do Espírito na Igreja pode ser considerada “substituto da presença física de Jesus como portador do Espírito”. Ainda pressupõe que o Espírito possibilita “o testemunho de Jesus e torne presente a sua vontade”. “Juntamente com os apóstolos e os mestres, versados na Escritura, os profetas foram os personagens-chave na expansão do cristianismo e na orientação das comunidades” (ESTRADA, 2005: 232). Observa-se que o retrato pintado em Atos enfatiza um contexto de vida ideal da protocomunidade, onde o culto, inspirado pelo Espírito desenvolve um ambiente de fraternidade, concórdia e disposição para a renúncia de posses (At 2,42-47; 4,32-35). “A força do Espírito de Jesus está moldando a fisionomia da Igreja” (DALBON, 1995: 59). É a memória pascal que reflete o testemunho assumido profeticamente e vivificado pelo Espírito que organiza a comunidade de forma comunitária e participativa (DALBON, 1995:59). Segundo Bonneau (2003: 134) “uma continuidade se delineia entre o Espírito profético do qual está revestido Jesus no Evangelho e o mesmo Espírito que desce sobre a comunidade”. Essa delineação supõe uma continuidade da mesma autoridade exercida por Jesus, que agora se manifesta pela atuação carismático-profética de uma Igreja sob a direção do Espírito. É o que chama a atenção de Roloff (2005), a frequência com que Lucas fala da função do Espírito na definição da direção que a igreja deva seguir. Em Atos, Lucas mostra que a Igreja se depara com questões críticas e situações de soluções difíceis, por exemplo, as intervenções do Espírito forçam Filipe (At 8,29) e Pedro (At 10,19;11,12) a acolher não-judeus na comunidade através do batismo. Paulo e Barnabé são enviados pela

¹⁰ Em lugar da presença física de Jesus, que os discípulos esperavam continuar (At 1,6), viria o Espírito e os capacitaria para serem suas testemunhas.

comunidade de Antioquia para a missão entre os gentios com base numa orientação do Espírito (At 13,2), e o êxito deste trabalho resultou em reconhecimento da Igreja, concluindo que Deus “abriu a porta da fé aos gentios” (At 14,27). No grande concílio de At 15, Tiago e os irmãos reconhecem os cristãos gentios como integrantes do povo de Deus em igualdade de direitos “o Espírito e nós decidimos” (At 15,28). “Pentecostes representa, portanto, a aplicação à comunidade cristã da obra profética de Jesus, enquanto a cena em casa de Cornélio manifesta sua extensão às nações pagãs” (BONNEAU, 2003:141). O ápice dessa orientação é vista na vida do apóstolo Paulo, cujo itinerário missionário é determinado até nos detalhes por orientação do Espírito: o Espírito o impede de seguir a sua missão desejada (At 16,6); o envia em uma visão noturna para a Grécia (At 16,9s) e também traça o caminho rumo a Jerusalém, e assim para a prisão e sofrimento em Roma (At 19,21; 20,22; 21,11).

3. Em vias de estabilização: Uma igreja que caminha na dimensão histórica

Os desafios vividos e os problemas que as comunidades lucanas debatiam fizeram com que, fosse relevante para Lucas, a dimensão da história para o seu olhar eclesiológico. Para desenvolver os aspectos desta conclusão, dependemos das conclusões indiretas das duas obras de Lucas. A questão da história tornou-se incontornável. As comunidades de Lucas estão marcadas pela experiência da demora da parusia. “A expectativa do fim eminente do mundo e do retorno de Cristo foi sobreposta por outras considerações”. (BORNKAMM, 2003: 78).

O arrefecimento da expectativa iminente já a havia levantado em princípio, mas ela se tornou extremamente candente ante a experiência da distância cada vez maior em relação aos acontecimentos salvificamente relevantes do evento de Cristo [...] (ROLOFF, 2005: 234).

Segundo Hoffmann (1998) foi a demora da parusia, que obrigou a Igreja organizar-se permanentemente na sociedade e na história. Naturalmente, a esperança não é abandonada, mas percebe-se que o fim não está tão próximo como se supunha (como vemos em Lc 21,8s e Mc 13,5s). Isto tem sérias consequências. Pois a Igreja, de alguma forma, deve arranjar-se neste mundo. Mesmo os outros Evangelhos, sinalizam um retardamento da parusia, mas somente Lucas tenta posicionar-se, dando à Igreja uma orientação. Para ele é nova a idéia de ver a história da salvação manifestada também na vida diária da Igreja (CARSON, D. A; MOO, D. J; MORRIS, L; 1997). Sua obra propõe uma busca de manutenção, de preservação da continuidade da Igreja para com os seus primórdios.

Lucas responde a questão (*parusia*) ao mostrar que a história por ora ainda em andamento não só não questiona a identidade da Igreja, mas é, antes, a possibilidade que Deus lhe deu para desdobrar essa identidade em toda a sua amplitude (ROLOFF, 2005: 234).

A história de Jesus para Lucas faz parte do passado, mas não está morta e acabada. Faz parte de um período especial, muito singular. É o “meio dos tempos”, ou seja, a perspectiva histórica de Lucas é diferente dos outros evangelistas (CONZELMANN *apud* BORNKAMM, 2003: 78). Para Lucas a Igreja tem a sua história própria. Desde o tempo decorrido do aparecimento de Jesus percebe-se um período de mudanças permanentes (ROLOFF, 2005: 234). É devido a isso que Lucas revisa a tradição sobre Jesus:

Ditos como Mc 1:15 (cf.Mt 4:17), que falam do reino de Deus como realidade iminente, não têm nenhum paralelo em Lucas. De fato, há uma advertência explícita contra os que anunciam ‘o tempo está próximo’ (Lc 21:8s). Catástrofes cósmicas não são ‘o começo das dores de parto’, como em Mc 13:7ss. (BORNKAMM, 2003: 78).

Portanto, a ênfase se descola da esperança escatológica para a ética num viver na história. De acordo com Bornkamm (2003) a Igreja injeta na sua experiência cotidiana as tarefas práticas de fé e vida de Jesus. Deve ser definida a tarefa da Igreja neste amplo espaço de tempo que ela tem, devem ser desenvolvidos critérios orientadores, quanto ao que é ser cristão e o que não o é. Insurge-se a necessidade de uma continuidade estabelecida ou como me proponho a afirmar uma pré-instituição, para sobreviver, para estruturar-se.

Um dos elementos constitutivos dos escritos fundacionais do cristianismo é o seu caráter conflitivo, tenso e às vezes paradoxal [...]. A Igreja tem sua origem em Jesus, mas se constitui depois de sua morte; tem uma dimensão cristológica, mas também pneumatológica ou espiritual; depende da vida de Jesus, mas é posterior; é apostólica e profética; carismática e também institucional [...] (ESTRADA, 2005: 284).

Torna-se bem mais insistente a pergunta: como a igreja deve comportar-se no mundo? Tudo isto se percebe nitidamente na obra de Lucas, tendo-lhe imprimido profundas marcas. Ainda assim, algumas coisas se cristalizam com suficiente clareza. O interesse histórico de Lucas em documentar, não por último, naquela categoria que se lhe tornou especialmente importante: a “testemunha ocular” (Lc 1,2; At 1,21ss), respectivamente do “apóstolo” (Lc 6,13; 9,10; 17,5, etc.). Fé cristã se fundamenta no testemunho apostólico (cf. Ef 2.20; Ap 21,14) (BRAKEMEIER, 1984). No entanto, é errôneo descobrir em Lucas algo como uma doutrina de sucessão apostólica. Lucas busca a certeza da verdade pelo recurso às fontes, não pela evidenciação de uma corrente ininterrupta de transmissores fidedignos do patrimônio da fé. Diferente de como pensa Bonneau: “uma transferência de autoridade, semelhante àquela de Jesus aos apóstolos, acontece em Atos 12: a prisão de Pedro corresponde à prisão de Jesus ressuscitado” (BONNEAU, 2003: 157). Os interesses históricos de Lucas, ao se dirigirem às origens

apostólicas da Igreja, de modo algum conflitam com os seus propósitos evangelísticos. A tradição tem um peso considerável, pois é necessário “estar informado com segurança” sobre as palavras que foram ensinadas (Lc 1,4; 1,2).

E, todavia, a fé precisa do conhecimento histórico. É a sua premissa. Faz alguma diferença se Jesus falou ou agiu deste modo ou daquele. Precisamente neste sentido Lucas procura fornecer certeza, a saber, no que vem a ser a autêntica tradição a respeito de Jesus (BRAKEMEIER, 1984).

Lucas reconhece a necessidade de resguardar “a tradição sobre Jesus, decisiva para a proclamação da palavra, contra todo e qualquer risco de falsificação” (ROLOFF, 2003: 237). É nesta perspectiva que Lucas acaba reduzindo o círculo de discípulos de Jesus em um pequeno grupo – “os doze apóstolos” – os demais não são apresentados; ele deixa claro que “os doze” foram designados por Jesus para serem apóstolos (Lc 6,12-16). Essa identificação não é própria de Lucas, os demais evangelistas dão margens que supõe uma identificação. Mas, somente Lucas a elabora como “fundamento para a ampla história de influência” (ROLOFF, 2003: 238). Essa restrição tem seu valor apologético, pois visava prevenir o perigo de seu tempo¹¹ contra a tradição autêntica sobre Jesus. Como afirma Roloff (2005: 238-239):

[...] tanto Lc 24:47 quanto de At 1:8 se depreende que o encontro com o Ressurreto representa a guinada decisiva para aos doze. Se antes eles eram meros recipientes passivos a acolher o ensino de Jesus, agora se tornam ‘testemunhas’ capazes de interpretar a tradição recebida com entendimento e aplicá-la a igreja em formação. É só agora que eles percebem o caminho e o destino de Jesus como cumprimento da ‘Escritura’ e, portanto, do plano divino de salvação (Lc 24:13-27, 44-48)”.

Pré-instituição: estabilização de ministérios de liderança comunitária

No ambiente de Lucas, os profetas se submetem ao conjunto do cristianismo sem muitos choques aparentes, para ele a Igreja é “investida do Espírito e inteiramente composta de profetas, progride no seguimento do profeta Jesus e de seus apóstolos” (ROLOFF, 2005: 210).

Lucas é conseqüente em sua tentativa de apresentar um modelo de Igreja primitiva que sirva de exemplo às comunidades de seu tempo. Assim como nos evangelhos há um processo de idealização dos discípulos, o mesmo ocorre com a comunidade (ESTRADA, 2005: 143).

¹¹ Ao final do século I temos dois fatores que vão obrigar a que o processo de institucionalização dê passos mais rápidos: *a ampliação da rede de comunidades* e *o movimento gnóstico*.

A obra de Lucas está interessada em mostrar, que desde o início existiram cargos de direção da Igreja¹². A diversidade panorâmica deixada por Jesus nos leva a usar um critério muito aberto para analisar o surgimento destes cargos, ministério e serviços na Igreja das origens. No contexto da comunidade lucana, está bem viva a presença da figura do profeta. Uma vez que o Espírito Santo faz dos discípulos uma comunidade profética, esta irá atuar de multiformes maneiras.

Lucas modificou, por conseguinte, de plena consciência, certos aspectos das funções do cristianismo nascente para responder às necessidades de sua comunidade, preservando, porém, a realidade carismática que vicejava no primeiro período. (BONNEAU, 2003, p. 168).

Observa-se em Atos, por exemplo, cerca de doze pessoas que recebem o título de profeta, é o caso de: Ágabo (At 11,27-28; 21,10-11), Judas e Silas (At 15,32), Barnabé, Simeão, cognominado Níger, Lúcio de Cirene, Manaém e Saulo (At 13,1), bem como as quatro filhas virgens de Filipe, o Evangelista (At 21,8-9). Lucas dispõe a citar a existência dos profetas, tentando mostrar que a presença deles implica numa continuação do espírito carismático-profético. A visão de Lucas propõe que desde o dia do Pentecostes a Igreja e seus dirigentes são profetas, no entanto, estes parecem se submeterem a uma estrutura pré-institucionalizada por outros que mantêm uma posição de autoridade (BORING *apud* BONNEAU, 2003). Estas autoridades estariam centradas na tradição da figura dos doze. No entanto, ao mesmo tempo que clarifica a importância da comunidade de Jerusalém como modelo legítimo, Lucas esforça-se na continuidade da multiplicidade e “o aparecimento de ministérios institucionais nas comunidades” (BONNEAU, 2003: 175). Roloff propõe que o exercício destes cargos ministeriais comunitários é remetido à pessoa de Paulo, afirma que ele é apresentado como aquele que “serve do mesmo modo que Jesus: para si mesmo ele renunciou ao poder e à dominação para, ao invés, engajar-se em total dedicação a comunidade e a cada um de seus membros” (ROLOFF, 2005: 245). Lucas avalia que Paulo não é um sucessor direto da tradição apostólica, o apóstolo dos gentios é um instrumento de uma determinada situação histórica (ROLOFF, 2005: 244). É o que se vê no discurso de despedida de Paulo aos presbíteros de Éfeso (At 20,17-38), onde se tornam visíveis os cargos comunitários; aqui se apresentam as intenções pressupostas por Lucas da constituição da liderança comunitária.

Os presbíteros são lembrados de que o Espírito já os ‘instalou como episcopos’ e lhes outorgou o encargo de ‘apascentar a igreja de Deus’(v.28). Além disso, Paulo recomenda-os ‘a Deus e à palavra da sua graça, que tem o poder de

¹² Segundo Roloff (2005: 239), “juntamente com o autor das cartas deuteropaulinas e da primeira carta de Pedro, Lucas está entre os escritores neotestamentários da terceira geração que ressaltam enfaticamente a importância dos cargos de liderança comunitária para a Igreja”. Já Bonneau (2003: 20) compreende a redação das obras de Lucas no segundo período (entre os anos de 65 a 85), enquanto o terceiro período (entre 85 a 100) é a época da redação das cartas deuteropaulinas e cartas de Pedro.

edificar e de conceder a herança entre todos os santificados'(v.32). Unicamente Deus é que proporciona continuidade à igreja através do Espírito. Seu instrumento para tal é o cargo ou ministério. (ROLOFF, 2005: 244).

Os ministérios comunitários em Atos surgem com a força da necessidade, como é o caso da diakonia (At 6), por conta do conflito das viúvas de cultura grega e as queixas oriundas por causa da divisão do alimento, o ministério então, surge desta situação histórica conflitiva (DALBON, 1995).

Lucas reconhece, naturalmente, o surgimento de cargos comunitários locais, que surgem conforme a necessidade. A "carismaticidade" e a institucionalidade da igreja se complementam, ocorrem neste desenrolar da história, pois surgem como solução amenizadora para as comunidades locais, e sem isso não há sobrevivência do cristianismo (ESTRADA, 2005). O que se pode presumir é que Lucas propõe um meio termo: reformular uma igreja que provém da antiga constituição presbiterial palestina (ROLOFF, 2005: 246) (At 14,23), combinando com a constituição episcopal¹³ e diaconal praticada nas comunidades paulinas. Apesar de a maioria dos autores presumirem que as obras de Lucas possuem similaridade com as cartas deuteropaulinas. Na verdade elas se apresentam como precursoras ou como comunidade que se pré-institucionaliza para manter-se no contexto de organização comunitária guiada pelo Espírito, lutando contra as heresias e preservando a tradição de Jesus de Nazaré.

Conclusão

Diante das exposições colocadas, o contexto avaliado chega-se a entender a dimensão da compreensão que a comunidade lucana tem a respeito deste momento da história. A ausência da parusia, e a tradição dos doze, trazem para uma reação da parte de Lucas. A comunidade se propõe a reaver-se como igreja, como movimento carismático-profético. Ante isso, insurge uma necessidade de se manter íntegra e atuante como Igreja que se estabelece no contexto da história. A realidade escatológica não fora esquecida por estes, mas a reflexão é de viver na prática a vida de Jesus de Nazaré. A pré-instituição surge como necessidade das comunidades carismáticas locais, promovendo a unidade ante as heresias e a manutenção do cristianismo nascente. O paradoxal antagonismo entre o movimento carismático-profético e a instituição tem nas obras de Lucas um momento ímpar. Um meio termo é posto como essencial para se manter a ordem mediante uma tradição atribuída aos doze e a liberdade do Espírito de

¹³ Conforme Brakemeier (1984), "as comunidades de Lucas se defrontam com o problema da heresia". Os "lobos vorazes" e os "homens falando coisas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles", como os preanuncia o apóstolo Paulo conforme At 20:29s, obviamente já estão atuando. É neste momento que cabe aos anciãos estabelecidos pelo Espírito (e por Paulo, de acordo com At 14:13) conduzir a comunidade no caminho da palavra, confiando a Igreja aos anciãos, colocando-os em alerta contra os lobos que seduzirão aos discípulos; de acordo com Bonneau (2003: 161).

prover ministérios conforme a necessidade, como é o caso da diaconia e a constituição presbiterial. O objetivo é alcançado a partir do momento que se evidenciou uma estrutura possível entre duas condições que aparentemente são difíceis de conviver. Mas, no agir do Espírito, conforme Lucas, elas são possíveis.

Documentação

BÍBLIA. Bíblia de Jerusalém. Nova Edição Revista e Revisada, São Paulo: Paulus, 2002.

NOVO TESTAMENTO trilingue: grego, português e inglês. São Paulo: Vida Nova, 1998.

Bibliografia

BONNEAU, G. *Profetismo e instituição no cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2003.

BORNKAMM, G. *Bíblia. Novo Testamento: introdução aos seus escritos no quadro da história do cristianismo primitivo*. 3. ed. São Paulo: Editora Teológica/ Paulus, 2003.

BRAKEMEIER, G. Observação introdutória ao Evangelho de Lucas. In: *Proclamar Liberdade*, vol. X. São Leopoldo-RS: Sinodal, 1984. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/articles/17031/1/-Observ-introduct-ao-Evangelho-de-Lucas/1>>. Acesso em: 27, maio, 2011.

CARSON, D.A; MOO, D. J; MORRIS, L. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

DALBON, C. A igreja que nasce do povo pelo Espírito. In: *O Espírito Santo formador de comunidades*. Estudos Bíblicos. n. 45. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995.

ESTRADA, J. A. *Para compreender como surgiu a Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2005.

GINGRICH, F. W; DANKER, F. W. *Léxico do Novo Testamento: grego/português*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

HOFFMANN, P. *A Herança de Jesus e o Poder na Igreja*. São Paulo: Paulus, 1998.

HORSLEY, R. A; HANSON, J. S. *Bandidos, profetas e messias: movimentos populares no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1995.

HÖRSTER, G. *Introdução e Síntese do Novo Testamento*. Curitiba-PR: Editora Evangélica Esperança, 1996.

ROBERTI, C. O Espírito santo na obra de Lucas. In: *O Espírito Santo formador de comunidades*. Estudos Bíblicos. n. 45. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995.

ROLOFF, J. A. *Igreja no Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

VERMES, G. *As várias faces de Jesus*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

WEBER, M. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*, vol. 2. Brasília-DF: Editora Universidade de Brasília. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.